

O que pode um corpo? A política do afeto da alegria como resistência ao biopoder¹

Ursino Neto

“O afeto para com uma coisa que nós imaginamos ser livre é maior do que o afeto para com uma coisa imaginada como necessária e, conseqüentemente, é ainda maior do que para outra imaginada como possível ou como contingente”.

(Espinosa)

“Rir é um ato de resistência”.

(Paulo Gustavo)

“Quero também te dizer que depois da liberdade do estado de graça também acontece a liberdade da imaginação. Agora mesmo estou livre”.

(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 A problematização da potência do corpo
- 3 A política do afeto da alegria como resistência ao biopoder
- 4 Considerações finais

1 Considerações preliminares

O tema deste estudo concerne à resistência ao biopoder tendo como perspectiva a subjetividade humana.

Um fato é incontestável: o dano causado pelo biopoder afeta corpo e mente. Então, se parte de um problema da vida, da existência humana concreta: como é possível superar o malefício, o efeito danoso do biopoder sobre nós?

Aqui se intenciona investigar, explorar os conceitos de resiliência e de resistência resignificando-os, ou melhor, inventando-os a partir da “teoria dos afetos” de Espinosa (1632-1677).

Com isso, se almeja superar a dicotomia “corpo e alma ou corpo e mente” oriunda desde os primórdios da cultura ocidental e que ainda atua no presente.

O objetivo do texto didático é destacar a biopotência integrativa do ser humano buscando registrar a inter-relação entre a leitura filosófica e a leitura da neurobiologia evolucionária para não só compreender; mas, sobretudo, resistir e ultrapassar o modelo de assujeitamento da nossa forma de vida hoje.

¹ Texto para o Encontro 11 (graduação 2021.1), uma referência para produzir o exercício ético do PensArteCorpo.

2 A problematização da potência do corpo

“O que pode um corpo?” é um problema oriundo da filosofia de Espinosa ou Spinoza (as duas grafias são aceitáveis) também chamado pelo primeiro nome de Baruch, Bento ou Benedictus, o príncipe dos filósofos².

A interpretação da questão está inserida na sua obra-prima que, embora escrita em latim, foi denominada por ele de *Ética, demonstrada segundo a ordem geométrica*³, pois apresenta um estilo de escrita utilizando termos da linguagem matemática (axioma, demonstração, postulado, proposição, escólio, C.Q.D.).

Para a professora Cíntia Vieira da Silva⁴, o questionamento situa a relação entre o corpo e a mente colocando como hipótese o desconhecimento que se tem da potência do nosso corpo.

Em outras palavras, “o corpo ultrapassa o conhecimento que se tem dele”, assim como “o pensamento ultrapassa a consciência que dele se tem”. Trata-se de buscar “um conhecimento das potências do corpo para descobrir paralelamente as potências da mente que escapam à consciência”.

Para nós, a leitura de Espinosa é relevante porque a consideramos a fonte da superação e ultrapassagem da clássica dicotomia inserida na cultura ocidental que contrapõe “corpo x alma ou corpo x mente”, sintetizada e conhecida como o “dualismo cartesiano”.

René Descartes (1596-1650) havia rompido com a tradição antiga clássica segundo a qual a alma era o princípio formal que conferia substancialidade ao corpo.

Para filósofo francês, o corpo (*res extensa*, a extensão, a substância material) e a alma (*res cogitans*, o pensamento, a substância imaterial) tinham a mesma dignidade ontológica, embora fossem distintos.

Óbvio, um problema foi posto para ele: “como uma substância material pode produzir efeitos sobre uma substância imaterial?”.

Já na sua época, a tentativa da resposta dele foi considerada insuficiente, inadequada, pois estabelecia a glândula pineal (hoje chamada de hipófise) como sendo a sede responsável pelo contato entre as duas substâncias.

Espinosa elaborou outra solução para responder ao dualismo cartesiano.

Apresentando didaticamente, ele partiu da interpretação de um monismo substancial: toda a realidade era constituída de um único ser, de uma única substância. Em suas próprias palavras, “Deus ou a Natureza” (em latim, *Deus sive Natura*) que se exprime por intermédio de infinitos atributos. Na sua análise, o corpo e a mente constituíam uma unidade conjugada por um afeto, uma força de perseverar, denominada de *conatus*.

Em síntese, há uma dualidade expressiva, mas não duas substâncias porque o ser é uno, porém se diz ou se expressa de modos diferentes.

O que é o corpo? Para Espinosa, o corpo é um atributo.

Segundo Charles Ramond, no sistema espinosiano, a doutrina dos atributos foi elaborada paulatinamente, sendo uma das mais originais na história da filosofia⁵.

Para a tradição filosófica, atributo era o que se atribuía a um sujeito: uma determinação, uma qualificação; enfim, uma característica. Tal interpretação permitia distinguir entre o atributo do sujeito e a sua essência.

O filósofo holandês divergiu da corrente tradicional, pois considerou o atributo tanto como um modo da substância como constituindo a própria essência desta substância.

² Cf. DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

³ Cf. SPINOZA, B. *Ética*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

⁴ Cf. SILVA, C.V. *Corpo e pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

⁵ Cf. RAMOND, C. *Vocabulário de Espinosa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 26-27.

“Deus ou a Natureza” é o sintagma que identifica a substância “única, indivisível, infinita” que consiste de uma infinidade de atributos, mas só se conhece dois: o pensamento (a mente) e a extensão (o corpo).

Para explicar como atributos distintos poderiam constituir a essência da mesma substância indivisível, ele recorreu à ideia denominada de “paralelismo”, isto é, os atributos são “expressões” ou o modo de “expressão” de uma única e mesma substância.

O modo de expressão da substância é o próprio ser. Logo, trata-se de um conceito-chave no campo da ontologia.

Ontologia é um nome eclodido na Modernidade para especificar um tipo de pensamento característico do saber clássico da filosofia grega que se chamava *metafísica*. Nele se buscava conhecer, distinguir a constituição ou a “essência” da realidade (material e formal) e dos seres (entes, objetos).

Em suma, em linhas gerais didáticas, a ontologia designava o estudo das questões relativas ao verbo *ser*; ou seja, “o que é isto?”, “quem *sou* eu?”, “qual o *ser* do estudante de medicina?”, “qual é a essência da medicina?” etc.

Para nós, Espinosa inventa e propõe uma nova concepção de ontologia.

O seu genial pensamento é assim descrito na *Proposição 13 da Segunda Parte da Ética* (A natureza e a origem da mente): “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa”⁶.

A filósofa francesa contemporânea Chantal Jaquet explica: “o termo *mens* [mente] não designa nada além da percepção, ou, mais exatamente, do conceito, que o homem se faz do seu corpo – e, por extensão, do mundo exterior –, através dos diversos estados que o afetam”⁷.

Há um paralelo, uma relação de “igualdade” entre a mente (a ideia) e o seu objeto (o corpo) porque os elementos do segundo correspondem ao que se encontra na primeira.

Contudo, atenção, tal “igualdade” não implica identidade de natureza, mas significa que o modo de se expressar do algo que se é afetado ou daquilo que se sente é o mesmo, tanto em um atributo (a mente) quanto no outro (o corpo). Portanto, tudo o que se registra no corpo tem um registro equivalente na mente.

A partir daqui a filosofia espinosiana nos propicia articular ontologia, ética e política.

Nela, cada modo é definido por uma essência singular independente chamada *conatus*. Interpreta-se como o impulso, o “esforço” que cada indivíduo desenvolve para existir, para “perseverar em seu ser”.

Gilles Deleuze⁸ esclarece que, na interpretação do conceito de *conatus*, a palavra esforço difundida por alguns intérpretes, de fato, não traduz um esforço cujo significado a palavra comumente indica porque, para Espinosa, o “esforço” para perseverar no ser é a simples efetivação da potência que se tem em si a cada momento.

Logo, o termo deve ser colocado entre aspas, pois não há propriamente um esforço para se adquirir mais potência.

Assim sendo, o modo de ser é a condição existencial originária do princípio ontológico constitutivo de uma diferença: corpo e mente.

Esta heteronomia estabelece também uma relação de conflito entre os diferentes tipos dentro do mesmo modo, pois há uma infinidade de corpos e de ideias que imediatamente se fazem obstáculo uns para os outros.

Trata-se da relação agônica de entes e seres, de uns para com os outros, no infinito cenário que se chama Natureza e seus múltiplos encontros.

⁶Cf. SPINOZA, B. *Idem*, p. 61.

⁷ Cf. JAQUET, C. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 22.

⁸ Cf. DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). 2ª ed. Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 112.

Eis a concepção extremamente original de essência para Espinosa. Por isso, o *conatus* pode ser compreendido como “potência singular de afirmação e resistência”.

3 A política do afeto da alegria como resistência ao biopoder

Michel Foucault, durante a sua pesquisa sobre o biopoder, não ficou somente na análise do aspecto negativo, expressando uma atuação coercitiva.

Sem dúvida, as relações de poder condicionam, estruturam, formatam a subjetividade humana⁹. Contudo, há nestas relações dois movimentos entrelaçados:

O primeiro, um componente de coerção, um fator de amoldamento; porém, há também um segundo de produção afirmativa possibilitando um constituinte inventivo potencializando a vida humana, pois é intrínseco ao saber.

Logo, dentro da própria rede do biopoder há resistência.

Ela tem início com a crítica à captura da nossa forma de vida, do nosso modo de ser frente àquilo que nos faz um molde formatado pelo dispositivo moral.

Criticar é questionar a possibilidade efetiva de determinada condição ou fenômeno existencial, gerando o saber resistente por intermédio da problematização da experiência vivenciada.

Em outras palavras, criticar aquilo que é determinado, estabelecido institucionalmente como verdade, incidindo sobre o que se sabe e sobre o que se faz.

Portanto, resistir é problematizar o assujeitamento imposto pelo biopoder.

Todavia, se o biopoder é articulado com a política; então, se põe o questionamento: como se resiste politicamente?

Segundo Frédéric Gros¹⁰, a resposta sucinta é: produzindo uma “democracia crítica”.

Trata-se de um ato resistente referenciado pelo princípio da justiça, exigindo o questionamento da política, da gestão pública, formando um coletivo crítico que almeje constituir um “si político”, superando o “eu individual do político tradicional”.

A desobediência civil e a dissidência, também denominada de objeção da consciência, são consideradas como exemplos estratégicos de resistência política.

A primeira supõe a organização de um coletivo estruturado por orientações de resistência direcionadas para um objetivo político preciso, por exemplo: a revogação de uma lei ou de um decreto considerados injustos ou intoleráveis.

A dissidência se efetiva quando um indivíduo isolado assume o risco de denunciar as falhas de uma instituição, a ignomínia de um sistema etc.

Historicamente, se identifica no posicionamento de Sócrates, na sua problematização do “exame da própria vida” ou do “cuidado com a própria alma”, a resistência originária exercida pelo saber que hoje se denomina de ética a partir da relação do indivíduo com ele mesmo, ou seja, do exercício que exigia o “cuidado de si”.

Assim, para nós, Sócrates foi o primeiro dissidente ético enfrentando a morte para defender os seus princípios de vida.

Aqui se considera esse tipo de postura, de conduta como fonte de resiliência.

Resiliência é um conceito originário do campo da física significando a capacidade de um material depois de afetado por um impacto, por um tensionamento ou mesmo uma deformação, voltar ao seu estado natural.

Neste texto, se compreende resiliência como a atitude do ser humano que, em lidando com situações emocionais e psicológicas adversas, é capaz de reagir e enfrentá-las com a perspectiva de superá-las.

⁹ Cf. HEYES, CJ. *Subjetividade e poder in* Dianna Taylor (ed.) *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.

¹⁰ Cf. GROS, F. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Resumindo, o biopoder é um *poder-saber* que se instala como “verdade” reproduzindo na sociedade um modelo moral de normatização e normalização. Ele designa o poder de controle sobre o homem como ser vivente, incidindo sobre a sua forma de viver, encarcerando o seu modo de ser, o seu *Ethos*.

Contudo, não se olvide de compreendê-lo como uma condição em permanente inquietude: de um lado, há a imposição, o assujeitamento; mas, do outro, há a resistência criando possibilidades de emancipação com os saberes que propiciam a eclosão de novas *formas-de-vida* do homem.

É necessário afirmar: a vida não pode ser reduzida e nem prescrita por sua condição biológica específica.

Como escreve o filósofo italiano Giorgio Agamben: “os modos singulares, atos e processos do viver nunca são simplesmente *atos*, mas sempre e primeiramente *possibilidade* de vida, (...) potência.”¹¹

Ao poder sobre a vida do biopoder, se responde com o *poder-da-vida*: a *biopotência*, isto é, a potência “política” da vida¹² na medida em que ela faz variar suas formas e inventa suas próprias dimensões de expressão.

Sem descurar as contribuições anteriores, abriremos uma nova trilha para vivenciar e expandir a nossa resiliência, concebendo a resistência ao biopoder a partir da “teoria dos afetos” de Espinosa.

Iniciando de um fato concreto: a incidência disseminada, no nosso contemporâneo, da enfermidade denominada de depressão.

Aqui, sem preterir as implicações de cunho hereditário ou genético, o realce é o impacto do biopoder sobre a subjetividade humana em seus mais variados matizes que se faz acompanhar da exploração da indústria farmacêutica, da difusão abusiva de rótulos apressados e generalizados de diagnósticos enquadrados no campo dos denominados saberes *psi* (psicologia, psiquiatria, psicanálise).

Para combater esse modelo que só beneficia o *status quo*, é necessário ressaltar o significado e o sentido de cultivar a alegria por intermédio do cuidado com o corpo.

Em linhas gerais, a filosofia de Espinosa é um sistema de pensamento que se contrapõe à ilusão da procura de bens mundanos (honras, riquezas, prazeres etc.) tomados como “os fins últimos da existência humana” para se lançar como um projeto almejando viver “um bem supremo, comunicável e pelo qual a mente seja afetada de uma alegria eterna e contínua”¹³.

O que explica a passagem da substância absoluta (Deus ou a Natureza) aos modos finitos (o corpo e a mente do ser humano) é o fato da essência da substância ser uma potência. Lembrando: o Deus de Espinosa em nada se confunde com o Deus transcendente, pessoal e criador da tradição judaico-cristã.

O conceito de modo indica a abertura constitutiva do ser finito. No caso do homem, a potência abre, possibilita o seu processo de constituição para além da simples existência biológica.

A teoria dos afetos relaciona os modos com os graus de conhecimento.

Afetos é uma afecção do corpo, por intermédio da qual a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, ampliada ou retida, como também as ideias dessas afecções na mente.

A potência vital é o liame que perpassa as formas vivas. A variação positiva dessa potência de agir, ou seja, a transitoriedade de um grau menor para um maior de intensidade ou força de existir (a perfeição), constitui a alegria; enquanto o inverso, a sua variação negativa, constitui a tristeza.

¹¹ Cf. AGAMBEN, G. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 14.

¹² Cf. PELBART, PP. *Vida Capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

¹³ Cf. GLEIZER, M. A. *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 7.

O afeto é a experiência vivida de uma passagem, de uma transição, de um aumento ou diminuição da nossa vitalidade.

Para Espinosa, os níveis de conhecimento são dispostos em três dimensões: o afetivo, o conceitual e o intuitivo.

Esses gêneros de conhecimento são também modos de existência, para nós, o processo do self (primordial, central e autobiográfico) que caracteriza o modo de ser, a forma-de-vida, o próprio *Ethos*.

A alegria é o signo de uma composição integrada, é a energia que perpassa todo o complexo *cérebro-corpo-energia-mente-memória-self-consciência-inconsciente etc.* indicando um aumento de potência que se opera no conjunto.

A alegria nos transporta do primeiro (afetivo) ao segundo gênero (conceitual) operando uma soldagem entre saber, sentir, agir e interagir.

A capacidade de agir de um corpo está diretamente correlacionada com o poder que a mente tem para influenciá-lo. O aumento da potência de agir do corpo constitui um afeto alegre, enquanto sua diminuição, um afeto triste.

Esta é uma característica da nossa vulnerabilidade humana porque estamos submetidos a oscilações que dependem do acaso, dos encontros fortuitos com corpos que podem nos afetar com sentimentos tão díspares.

Assim sendo, os afetos de alegria e de tristeza são os principais efeitos dos outros corpos sobre o nosso. Entretanto, em Espinosa não paira qualquer dúvida, pois por mais intensa a tristeza causada por um mau encontro, ela poderá ser dissipada por uma alegria mais potente que ela.

Antônio Damásio corrobora essa interpretação quando escreveu: “Espinosa recomendava que lutássemos contra as emoções negativas com emoções ainda mais fortes, mas positivas, conseguidas por meio do raciocínio e do esforço intelectual”¹⁴.

Na *Quarta Parte da Ética* (A servidão humana ou a força dos afetos), Espinosa relaciona o grau máximo do conhecimento, o intuitivo com o seu correspondente afetivo, afirmando na *Proposição 28*: “O bem supremo da mente é o conhecimento de Deus e a sua virtude suprema é conhecer a Deus”¹⁵.

Entretanto, este princípio não é transcendente como o tradicional da metafísica clássica, mas decorre da afirmação da essência dos modos humanos.

Em suas palavras, no *Apêndice*: “a beatitude não é senão a própria satisfação do ânimo que provém do conhecimento intuitivo de Deus. (...) aperfeiçoar o intelecto não é senão compreender a Deus, os seus atributos e as ações que se seguem da necessidade de sua natureza. Por isso, o fim último do homem que se conduz pela razão, isto é, o seu desejo supremo, por meio do qual procura regular todos os outros, é aquele que o leva a conceber, adequadamente, a si mesmo e a todas as coisas que podem ser abrangidas sob seu intelecto”¹⁶.

Em síntese, a mente desenvolve toda a sua potência produzindo ideias adequadas que conduzem a um arranjo dos afetos imanentes à natureza, estabelecendo a correspondência entre o efeito e a causa.

Para ele, “razão” é o nome que designa o “algo” que no ser humano forma ideias adequadas e compreende a ordem necessária da natureza. Portanto, exercitar a virtude é agir, viver, conservar o seu ser (os três significam o mesmo) sob a direção da razão.

Aqui não se pretende defender a interpretação de Espinosa sobre a “razão” ou o seu “sistema racionalista”, pois seria anacrônico.

¹⁴ Cf. DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 20.

¹⁵ Cf. SPINOZA, B. *Idem*, p. 173.

¹⁶ Cf. SPINOZA, B. *Idem*, p. 205.

O propósito foi compreendê-lo como um signo de referência para empreender o nosso próprio projeto de resistência na perspectiva da potência ou da capacidade de ser afetado por alegria, relacionando a possibilidade de nos tornarmos ativos para alcançar a libertação do biopoder.

4 Considerações finais

Imediatamente, da perspectiva do senso comum, se compreende o biopoder como um domínio, um comando, um poder sobre a vida.

O conceito de biopoder se associa à estratégia política oriunda da eclosão do Estado na Idade Moderna que, segundo Michel Foucault, atua por intermédio de dispositivos institucionais, atendendo historicamente aos interesses do capitalismo, agindo, principalmente, por meio do saber da medicina sobre o corpo e sobre a população.

Na análise do filósofo francês, há também um sentido positivo detectado no processo de ação do biopoder sobre o indivíduo e a sociedade; pois, ao mesmo tempo, quando se impõe uma norma instalando um constrangimento e um limite, também se oportuniza uma emulação, por intermédio do saber intrínseco que gera mobilização, contraponto, resistência e promove a liberdade.

A atitude e o compromisso de procurar a sua própria liberação individual implica a luta política por uma sociedade que favoreça a autonomização de seus integrantes.

Tal concepção é o marco que nos possibilita afirmar que o saber da bioética pode se constituir em resistência ao biopoder.

Sendo a *ética-da-vida* ou *aionética* considerada uma bioética de resistência; então, qual a contribuição e o desafio dela no contemporâneo?

A partir da crítica à configuração aviltante da subjetividade humana determinada pela subjugação e o seu contraponto investido na atitude de resistência do indivíduo no processo de produção da sua *forma-de-vida*, projetamos o exercício de experiência ética (relativo ao *Ethos*) como uma invenção de si efetivada por intermédio da linguagem da arte.

A vida é um conjunto de experimentações, de experiências que o homem vivencia adquirindo sabedoria para produzir a sua existência.

A vida vive, acontece. Para o ser humano, é necessário celebrá-la e viver de tal modo que o valor dela não seja outro senão o seu movimento intrínseco, pois é justamente este acontecimento o “algo” que significa e dá sentido a ela própria.

O valor da vida para o ser humano é um *quantum* de potência que se produz como intensidade, como vontade de excelência, como um êmulo de devir, como uma invenção de si, capacitando-o para ultrapassar os sentimentos da carga moral pesada, nociva que nos molda, nos configura como “camelo” na metáfora de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

O projeto ético para o século XXI é articular a transversalidade dos vários saberes culturais em busca de compreender e justificar a vida humana como uma complexa unidade de corpo, de mente, de emoções, de sentimentos, de memória, de consciência, de linguagem, de sociabilidade, de criatividade etc., celebrando a vida na imanência como uma nova figura nietzschiana: o “torna-se o que se é” ou a invenção do “ser criança”.

O desafio da *ética-da-vida* ou *aionética* é configurar a subjetividade humana como uma *forma-de-vida* cuja expansão do self autobiográfico se produza por intermédio do afeto da alegria como um ser político.

Para o Tamborete, esta expansão é o salto. Saltar é cada um produzir a sua própria Cartografia do Afeto para um bem-comum. Resistir é saltar como um hoplita para enfrentar o abismo que nos cerca limitado pelo biopoder.

O salto tem como trampolim o afeto da alegria que, em homenagem a Espinosa, se denominará de liberdade infinita como critério para a vida.

Para nós, *ser ético* é um ato de resistência!